

## DOSSIÊ – RESENHAS

### CALEIDOSCÓPIO DE VIDAS: UMA CIDADE EM VERSO E PROSA

#### KALEIDOSCOPE OF LIVES: A CITY IN VERSE AND PROSE

#### CALEIDOSCOPIO DE VIDAS: UNA CIUDAD EN VERSO Y PROSA

Cristiane Guimarães<sup>1</sup>

CARRASCOZA, João Anzanello. *Caleidoscópico de vidas*. São Paulo: FTD, 2019.

Durante minha pesquisa de doutorado<sup>2</sup>, recentemente concluída no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, mergulhei em algumas das narrativas de João Anzanello Carrascoza, as quais me ajudaram a tecer uma linha de conversa e composição combinando memória e poesia para afirmar o valor da vida e do cotidiano na escola e na escrita.

Dentre os últimos títulos lidos, destaco a reunião de três narrativas em versos curtos e em tom de prosa poética retiradas do livro *Caleidoscópico de vidas*, obra que se abre e reabre aos movimentos, fragmentos e jogos de luzes e reflexos entretecidos nas cidades do Brasil e suas histórias, belezas, silêncios e contradições.



Figura 6 – Capa do livro *Caleidoscópico de vidas*, de João Anzanello Carrascoza

Fonte: Arquivo da autora

<sup>1</sup> Rede Municipal de Educação de Florianópolis.

<sup>2</sup> Defendida em 2021 sob o título *Poéticas da vida na escola: um inventário de memórias e afetos*, com orientação do Prof. Dr. Leandro Belinaso e disponível para consulta em: <https://tede.ufsc.br/teses/PEED1583-T.pdf>.

A obra, lançada em 2019 pela Editora FTD, foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil na Categoria Jovem *Hors Concours* e finalista do Prêmio Jabuti do mesmo ano. Ela conta a história de personagens singulares, cidadãos do mundo: caminhantes, trabalhadores, sobreviventes, sonhadores, habitantes do emaranhado de cores, formas, nuances e linhas que desenham o Rio de Janeiro. Lugar também desenhado pelas lindas ilustrações de Adriano Catenzaro, as quais ajudam a compor a simbiose, a transfiguração, a mistura que se dá nos contrabandos de histórias, imagens e poéticas vividas no cotidiano das cidades, suas margens e entranhas. Tais ilustrações apresentam-se quase como colagens, remetendo a esta outra: a de vidas sobrepostas e misturadas, com relevos que permitem sentir a imponência dos morros e a vivacidade das moradias em contraponto aos montes de memória e entulho dos lixões urbanos. Vidas em que fogos de artifício conversam com pipas voadoras saltando das narrativas para beijar a ponta de nossos olhos.

Cada uma das histórias permite o mergulho nas indelicadezas humanas, nas contradições e silêncios, mas também nos encantamentos que ainda nos mantêm respirando. Elas se entrecruzam, ligando o fio da vida e da ancestralidade dos tempos e personagens que conversam em suas lutas e fascínios cotidianos, como os catadores cujas vidas são borradas pelo chorume, pelas mãos mergulhadas nas camadas de consumo que sustentam as obsessões contemporâneas. Como Maria, catadora que desenha delicadezas humanas raras e as compartilha com seu companheiro para aguentar as agruras do trabalho e, ainda assim, sonhar outras vidas. Maria, tantas Marias, Marias que se encontram e se nutrem nos processos históricos e culturais, no fluxo das diferentes narrativas que nos constituem ao longo de séculos. Maria de Jesus, Marias de Milton Nascimento, Carlos Drummond de Andrade, Chico Buarque, Clarice Lispector, Conceição Evaristo. Maria ali da esquina, Maria vizinha, Maria no ponto de ônibus, Maria bruxa da Praia da Armação do Pântano do Sul<sup>3</sup>. Maria que apanha do marido e tem medo de denunciar.

Também como o menino que vende capas de chuva e nos leva para passear em um dia especial no Rio de Janeiro. Podia ser em outras capitais, mas as ilustrações de Adriano Catenzaro dão chão e ninho àquela cidade em particular, e a nossos processos de construção desse local a partir da leitura. O menino e suas capas, a dignidade forjada nas contradições histórias, sociais e econômicas do país que teima em celebrar, em brindar os olhos com fogos de artifício para acalmar retinas cansadas e tristes. E ainda como o velho estivador, meu preferido, talvez porque em minha tese de doutorado lancei um olhar cuidadoso ao mundo dos “velhos”. Em um dia de encontro familiar, nuances de um cotidiano embelezado pela pequenez e pela duração dos gestos, dos afetos, do sorriso trocado, do olhar amoroso, do abraço sem igual de um neto. O velho e seu dia, seu caminho que cruza a cidade, beija os lugares que dão sentido às suas andanças e à sua existência: um cavaquinho, o samba, uma meninice que o alimenta. O velho e sua narrativa que entremeia vida e morte, anuncia a morte através da vida.

Essas três histórias, em forma de poema, desafiam as normas e os catálogos acadêmicos tradicionais, narram, com as devidas pausas, as ondas da vida e seus mistérios, seus fluxos de águas salobras, paradas, superficiais e profundas, águas que contam das emoções humanas nas diferentes luas e marés. Águas que figuram em outras narrativas do autor e inundam a cidade, banhando e misturando memórias cidadãs, histórias sem graça e, ainda assim, graciosas, indignas e, no entanto, repletas de dignidade. Histórias que podem levar os leitores a diferentes sensações, flutuações, afetos e desafetos, redesenhando as cidades que moram em nós.

Há cidades que queremos esquecer e há aquelas que desejamos construir. Cidades nas quais bichos-homens não necessitem catar comida entre detritos e onde o lixo não precise ser jogado às escondidas, ao lado de moradores de rua, nas capitais ricas e cheias de pulmões estufados de

<sup>3</sup>A bruxa Maria é um personagem inesquecível criado por duas estudantes em 2016, em um conto envolvendo o entorno da escola localizada na Praia da Armação, no Sul da Ilha de Santa Catarina, onde resido e trabalho como professora. O original das estudantes pode ser lido na íntegra em minha tese de doutorado.

orgulho. Cidades onde possamos caminhar ou pedalar com crianças sem medo de sermos massacrados por automóveis desvairados, comandados por humanos acelerados pelas ganas do capital e por sua própria necessidade de sobrevivência. Cidades nas quais a beleza fulgurante da vegetação componha sombras, bosques e praças tomadas de gente e não de cercas e plaquinhas higienistas que querem mandar e desmandar no fluxo da vida, ou, como outrora, de grades oriundas dos apartheids sociais que envergonham as linhas históricas e urbanas da memória oficial<sup>4</sup>. Cidades sensíveis, nas quais diversos modos de existência tenham espaço para simplesmente *existir*, bem como condições de ir e vir com segurança, de sair de casa e, principalmente, voltar com vida para casa. E que possibilitem o encontro, a dança, a arte, a escuta e a celebração das vozes, a simplicidade e a alegria de bons afetos. Cidades, enfim, nas quais possamos ler o tempo na arquitetura, que nos configurem, como quer Wladimir Garcia (2009).

As paisagens cotidianas e domésticas compostas por João Anzanello Carrascoza se abrem de modo pungente em *Caleidoscópio de Vidas*. Elas desenham bonitezas e feiuras a céu aberto, esperanças de uma gente que vive, resiste e conta histórias na ficção literária e também ali, ao nosso lado, no sol a pino, no semáforo, na divisão do pão, do gás e da educação dos filhos que não têm para onde ir enquanto os pais trabalham pelo sustento da família. As cidades se narram cotidianamente, através de contadores que, como o próprio autor, colhem na vida as suas pérolas, transformando-as em partilhas poéticas que podem nos ensinar a sermos melhores.

O silêncio, presente em outros escritos do autor, nesta obra se configura como a pausa entre um verso e outro, a qual perfaz uma poesia fluida, entre as águas da vida e do cotidiano, sem alardes ou demarcações obsessivas e categorizações capitalistas de mundo. Esse silêncio estoura em luz, no lixão, nos olhos do velho estivador que renasce no sorriso do neto, nas imagens que se desenham em nós quando levantamos a cabeça e os olhos para ler o mundo ao nosso redor. Nessa coleção de vidas, o silêncio é efeito, é espanto diante de desenhos e cores, entre urubus, vestidos de noiva, foguetes de estampido e rojões “treme-terra”, cavaquinhos e algumas outras miudezas que sugerem os tempos, os espaços e os objetos em conversa, delineando as narrativas.

Cada uma delas conforma um olhar, uma nuance, um Brasil, uma cidade dentro de uma grande cidade. Um ninho em cada linha/verso esculpido pelo escritor, como aprendi com Michèle Petit (2019). E a cada movimento desse caleidoscópio, a vida se desenha: indefinida, silenciosa, bailarina, escriturada na película cotidiana – árvore-semente lançada para alguma reescrita, aos olhos dos leitores-escritores para sempre transformados por mais uma bela fotossíntese de vozes, águas, cidades e suas gentes.

## Referências

CARRASCOZA, João Anzanello. **Caleidoscópio de vidas**. São Paulo: FTD, 2019

GARCIA, Wladimir Antônio da Costa. Cidade: pós-metrópole. **Revista Outra Travessia**, Ilha de Santa Catarina, n. 8, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/17077>. Acesso em: 24 abr. 2019.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Comunicação na educação**. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

---

<sup>4</sup> Como bem apontam as grades retiradas da Praça XV, na Ilha de Santa Catarina, no começo do século XX. Em minha tese de doutorado conto a respeito de projetos de escrita que desenvolvi junto em escola pública de ensino básico da região, nos quais visitamos as ruas do Centro da cidade e o acervo da Casa da Memória. As fotografias antigas da Praça XV, cercada por grades, sempre ganha a atenção e curiosidade por parte dos estudantes.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**. Experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. Trad. Julia Vidile. São Paulo: Editora 34, 2019.

**Sobre a autora**

**Cristiane Guimarães** é mãe do João, Melissa e Flora. Professora de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Florianópolis. Doutora em Educação, pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pesquisa as relações entre leitura, escrita, poesia, cotidiano e memória.

*E-mail:* [turmasdacris@gmail.com](mailto:turmasdacris@gmail.com).